

**TERESA
CRISTÓFANI
BARRETO**
é professora
do Departamento de
Letras Modernas da
FFLCH-USP e autora de
*A Libélula, a Pitonisa –
Revolução,
Homossexualismo
e Literatura em Virgílio
Piñera* (Fapesp/
Iluminuras).

CUBA EM 1942

E EM 1996: UM

TESTEMUNHO

DE VIAGEM

TERESA CRISTÓFANI BARRETO

As presentes notas são fruto de uma viagem que realizei a Havana em junho de 1996, quando fui participar de um seminário internacional sobre os 40 anos da revista *Ciclón*.

Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro

A CHEGADA. VISÃO GERAL

À noite, não se vê Havana ao sobrevoá-la. A cidade é invisível: não tem luzes.

Chegar a Havana é não só concluir uma viagem no espaço. É, principalmente, voltar no tempo. De repente, estava nos anos 50. Os carros, as *guaguas* (palavra aí empregada para ônibus), a iluminação das ruas – feita com lâmpadas amareladas, do tipo caseiro –, o ritmo da cidade, a moda – masculina, principalmente (ternos compridos, meias brancas e sapatos pretos, o corte de cabelo) –, tudo nos remete a fins dos 50. No entanto, o otimismo próprio desse período pós-guerra, as inovações tecnológicas, as novidades, qualquer traço de modernidade, assim como os *baby boomers*, seu mais evidente fruto, inexistem em Cuba. As poucas crianças que vi já parecem velhas, gemendo graves, em ladainha, ao redor dos estrangeiros: “*Amigo, dame un fulo...*”. Não me lembro de ter visto bebês (claro, a memória é seletiva).

A iluminação das casas é deprimente. Já em 1959 Virgilio Piñera, na peça teatral *Ar Frio*, observou que a grande alteração que percebeu em sua casa, passados doze anos de exílio, foi a instalação da luz fria. Isso significa, por um lado, economia de energia elétrica acompanhada de menos calor nas casas. Por outro, as casas adquiririam uma cor acinzentada; tudo se torna desluzido, e quando você passa pela rua e olha dentro das casas, o resultado é sempre o mesmo: tristeza por ver que até a luz não brilha.

Em meus primeiros dias, tratei de olhar para o que me agradava, sem levar em consideração fatores outros que pudessem desluzir minhas impressões. A arquitetura de Havana é, sem dúvida, impressionante. A cidade se divide em Havana Velha, onde ficam as construções coloniais, verdadeiros monumentos, e a cidade mais contemporânea, que vai avançando no tempo e no espaço e, claro, mudando de fisionomia.

Ressaltam em Havana Velha as colunas, que vão justapondo-se à medida que se constroem novos edifícios, cujo resul-

tado Piñera comparou, guardadas as devidas proporções, à colunata de Bernini no Vaticano. As colunas que se abrem, como leque, no Malecón, são memoráveis. Têm todos os estilos, dóricos, jônicos, coríntios, salomônicos, estilizações, invenções. Ressalta também o material utilizado nessas construções coloniais: arrecifes. Isso lhes confere um caráter único, graças ao fato de que as rochas tiveram, um dia, vida: seu relevo e perfil, pelo caráter único, adquirem autonomia. Chamam igualmente a atenção os cartazes de empresas estrangeiras, em especial espanholas e canadenses, que indicam a restauração dos edifícios, o que significa investimentos desses países em solo cubano. Ou seja, os investimentos estrangeiros, sim, existem no país: são visíveis, quase alardeados, todo o oposto do que se noticia fora da ilha.

Os outros bairros próximos do centro são formados por largas avenidas e ruas, todas arborizadas, de traçado aparentemente planejado (não posso afirmar), em que abundam palacetes de estilo francês e italiano do início do século. Há muitas escadarias de mármore e amplos jardins em volta das casas.

A REALIDADE VAI SE IMPONDO

Mas, passadas as primeiras impressões, que eu tratava de pintar da melhor maneira possível, o sentido da realidade se impôs. Antes de partir para Cuba me disseram que Havana cheirava a tabaco. É mentira. Pelo menos na parte central da cidade – com diferentes matizes, claro – cheira a merda, a mijo e a lixo. Ou seja, a todo tipo de imundície. A cada passo há esgoto vertendo do chão e correndo pelas calçadas. Os encanamentos estão destruídos, tanto os externos quanto os internos (na sede da Uneac, um palacete lindíssimo em estilo francês, todo em mármore branco, só há um banheiro que pode ser usado, e nas condições mais precárias que já vi, em toda minha vida. Em outro palacete, onde fica uma das unidades da Universidade de Havana, não se consegue assistir a uma defesa de tese por

causa do fedor que sai do banheiro feminino). O lixo, oferecido na sua nudez promíscua, ergue-se em pequenos montes cujos pontos de partida são grandes latas de lixo metálicas que repousam a cada esquina, de maneira a socializar o que os indivíduos jogam fora. A limpeza urbana o recolhe com uma frequência insuficiente para que você se sinta minimamente confortável para caminhar pela cidade.

O sistema de transporte privilegia o coletivo, claro. O cidadão que tem carro está obrigado a oferecer carona a todos quantos estão indo na mesma direção. No entanto, o comum é verificar que os motoristas vão sempre em outra direção que não a solicitada pelo companheiro. Tal política não vale para os estrangeiros, que desfrutam de carros novos, em geral asiáticos, de uso vedado aos cubanos. Quanto aos táxis, há os deteriorados e os recém-adquiridos. Todos pertencem ao governo. É comum um taxista viajar mais de 30 quilômetros de bicicleta até pegar o carro que costuma dirigir. Muitos carros particulares prestam serviço de táxi a estrangeiros, por um preço reduzido, o que é proibido por lei.

Há vários tipos de veículos coletivos. Há as *guaguas*, ônibus antigos, que preservam suas características originais. Para uso exclusivo dos estrangeiros há vans e ônibus luxuosos, com ar-condicionado, televisão, equipamento de som. Para os cubanos há camelos e dromedários, uma adaptação de cabine de caminhão de carga, articulada com uma construção metálica sobre grandes rodas, de modo que se formam uma ou duas corcovas, daí o seu nome. Um camelo, o veículo maior, tem capacidade para transportar algo como 250 pessoas. Carrega, feito gado, 450 cidadãos. Os próprios guias turísticos, empregados do governo, costumam fazer piada e afirmam que aí acontece tudo quanto é imprescindível em um romance de sucesso: violência, amor e sexo. Há outro tipo de veículo sobre rodas, muito mais raro, mas também mais deprimente, que reconstitui à perfeição os trens utilizados pelos nazistas para enviar os judeus aos campos de concentração.

A BIBLIOTECA NACIONAL

A seção de periódicos raros da Biblioteca Nacional José Martí está povoada de passarinhos que fazem seus ninhos aí. Da mesma maneira, fazem seu cocô, indiscriminadamente, sobre mesas, fichários e os próprios periódicos. A biblioteca, há quase dez anos, foi reformada, de modo a receber um moderníssimo sistema de ar-condicionado. Isso significa que se transformou numa enorme caixa de concreto, sem que se previsse a construção de janelas. O que acontece é que o país ingressou no seu período especial, e com isso o ar frio não chegou. A única coisa que se pôde fazer para que as pessoas não morressem assadas dentro da caixa foi abrir respiradouros por onde entram não só o ar quente e a umidade mas também as aves. De toda maneira, ainda que houvesse ar-condicionado isso não significaria garantia de conforto para os usuários da instituição, já que os *apagones* são freqüentes e duradouros.

A biblioteca ainda não está informatizada. A única forma de pesquisa é através de fichas de papelão, que desaparecem com facilidade. Desaparecem também as publicações que apresentam qualquer tipo de ameaça ao Partido. Dá para imaginar quem são os autores do expurgo, e com que sensibilidade o realizam. É comum pegar um livro ou periódico em que faltam páginas, arrancadas com violência. É igualmente comum que os próprios usuários se encarreguem de roubar exemplares, que serão vendidos aos estrangeiros por, no mínimo, 10 dólares. Um livro raro, assinado pelo autor, chega a custar 60 dólares.

A biblioteca conta com uma única máquina de xerox, que está freqüentemente quebrada. Para que o pesquisador consiga uma cópia da obra, um funcionário da biblioteca o acompanha até a máquina mais próxima, o que significa pegar a *guagua* e perder praticamente a tarde nessa tarefa. Pode-se contar com facilidade quantas máquinas copiadoras há em Havana: não mais que 10, para ser otimista.

A biblioteca não tem nem uma página sequer de seus documentos microfilmada.

Pode-se manusear todo o material raro, que se mantém preso por barbantes que, claro, o vão estragando. Além disso, a natural deterioração do papel o faz, a cada consulta, romper-se em pedacinhos. Não se toma qualquer medida a respeito.

AS EXPECTATIVAS

Imaginava que chegaria a uma ilha de igualdade social plena, onde todos os cidadãos, ao abrir mão de seus projetos individuais, tivessem iguais oportunidades de estudar, trabalhar, morar, ter saúde, alimentar-se, divertir-se, sem diferenças. Imaginei que os cubanos fossem e se sentissem todos iguais entre si e, além disso, entre si e os cidadãos estrangeiros. Em termos práticos, por exemplo, não tinha qualquer expectativa de que houvesse mensageiros no hotel, ou porteiros, ou qualquer tipo de cidadãos a quem daria uma gorjeta.

Ao contrário. A começar pelo hotel. Hospedei-me no Hotel Meliá, espanhol, que classificaria como um dos mais luxuosos em que já me vi. A grandiosidade do *lobby* constrangia os cubanos que foram me ver aí – e a mim mais ainda. O luxo dos banheiros impedia sua utilização por parte dos cubanos (uma estudante universitária que esteve comigo não sabia como usar o vaso sanitário). No café da manhã me era oferecida uma variedade e uma quantidade de comida que me faziam mal. Três senhores tocavam música ao vivo desde cedo. Os empregados do hotel se esforçavam para aproximar-se, fosse para carregar uma mala, fosse para chamar um táxi, sempre à espera de sua gorjeta. Nos primeiros dias não sabia como agir, pois não pretendia ofender ninguém. Mas sempre me incomodava o tom servil dessas pessoas.

A prostituição, tanto feminina quanto masculina, é explícita ao redor dos hotéis. Seus praticantes, desaparecidos – e mais, proibidos – com a Revolução, ganham denominação cubana: são os *jineteros* e as *jineteras*. Além disso, chama a atenção o número de homossexuais masculinos ostensivos que há na cidade. Pelo menos esta

foi uma boa surpresa, ou seja, uma pessoa pode realizar sua prática sexual sem temer penas que iam desde a prisão, muitas vezes em campos de concentração, denominados Umaps (Unidades Militares para o Aumento da Produção), por até 30 anos de cativeiro, até a execução.

Todos em Cuba se tratam por “companheiro”. Ninguém diz “senhor fulano”, mas sim “companheiro fulano”. Mas você percebe que aí se baseia, na sua totalidade, a noção de igualdade entre os cidadãos. Uma professora que dá aulas há pelo menos 15 anos na universidade recebe 15 dólares mensais. Por uma manhã em que estive percorrendo a cidade com uma guia *lhe dei*, de gorjeta, 5 dólares. Imaginei que, pela sua proximidade com os turistas, o que é um enorme privilégio, essa senhora tivesse tido que prestar exames rigorosíssimos e mostrar-se a mais capacitada entre todos os postulantes. Perguntei a ela como tinha chegado a tal posição, se por cursos, provas públicas, ou sei lá o quê. Respondeu-me que sua mãe era amiga de não sei quem que *lhe* havia conseguido o emprego. Pouco depois aprendi que, na ilha, tudo funciona se você conhece a pessoa certa que ocupe o posto certo. Trata-se de um fenômeno cultural tão corrente em Cuba que tem sua expressão lingüística nacional, de modo que se substitui aí o “ter padrinho” pelo “ter sócio”.

Conheci a diretora da Seção de Periódicos Raros da Biblioteca Nacional José Martí. Quis fazer alguma pesquisa aí e me apresentei na ante-sala da biblioteca, oferecendo todo tipo de informação a respeito de meu currículo que julguei necessária para que me aceitassem. Convidaram-me a sentar-me, ainda na ante-sala, e esperar. Perguntei quanto teria que esperar, já que meu tempo era escasso. Responderam-me que não sabiam exatamente quanto, mas de toda forma seria muito. Decidi então apelar para minha sócia, a diretora. Chamaram-na pelo telefone e imediatamente eu estava em uma mesa com duas bibliotecárias a meu serviço, que não me deixaram levantar sequer para consultar os fichários. Fizem tudo por mim. A sensação de estar desfrutando

de uma posição que não emanava de minha capacidade mas sim da casualidade de ter conhecido a senhora diretora me era tremenda. Passei a me dar conta, a partir de então, de como as pessoas fazem com que os estrangeiros – principalmente os que têm sócio – sintam-se reis em sua ilha de igualdade.

Em outra ocasião, igualmente terrível, fui tomar um sorvete na Copellia. A sorveteria fica no centro de um parque, e havia muitas e variadas filas que o cruzavam, mas sem qualquer critério aparente que me fizesse escolher uma ou outra. Decidi me aproximar da sorveteria para verificar se havia algum cartaz. Imediatamente um senhor me perguntou, apenas para confirmar, se era estrangeira. Pedi-me que o acompanhasse até um terraço, sob o olhar de calada indignação dos ilhéus, onde me esperava uma mesinha. Em menos de três minutos tinha o sorvete diante de mim. Só fui experimentar, de verdade, o sabor do sorvete outro dia, longe da sorveteria, aonde não voltei jamais.

Fui jantar num complexo turístico denominado Marina Hemingway. Fui de táxi. Ao aproximar-me do local um policial fez o carro parar e perguntou ao taxista o que fazia ali. Este respondeu que levava uma turista para jantar no restaurante xis e que, assim que saltasse, ele sairia do complexo. Já perto do restaurante, perguntei ao taxista o que significava a pergunta do policial. Respondeu-me que se tratava de local vedado aos cubanos, de uso exclusivo dos estrangeiros.

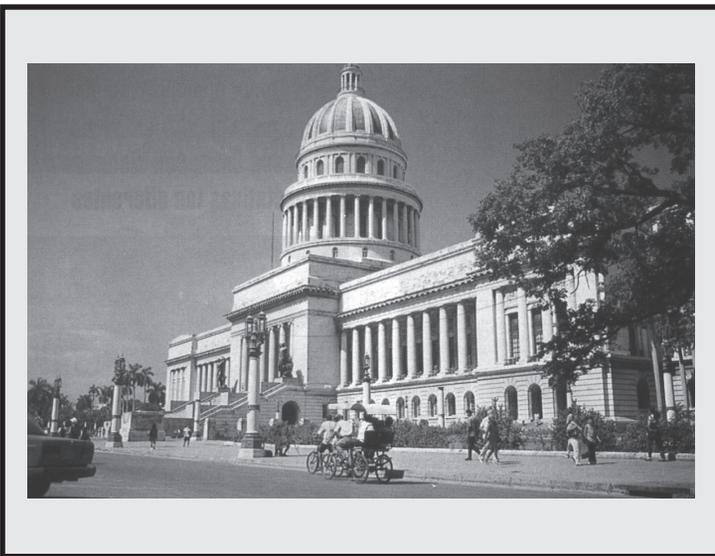
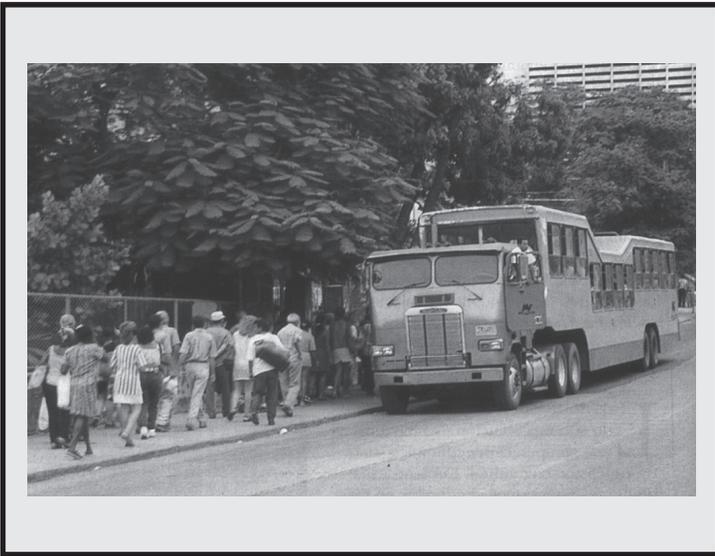
A cunhada de Virgilio Piñera estava doente. Um dia depois de saber disso, perguntei à sua filha como estava a senhora. Respondeu-me que do mesmo jeito, e que ia à periferia da cidade à procura de ervas para preparar-lhe alguma beberagem. Perguntei se sua mãe se tratava sempre com esse tipo de medicina pouco ortodoxa. Disse-me que sim, já que não ia ao médico. E por quê? Por acaso não gosta dos médicos tradicionais? Não, explicou-me. Não vai ao médico porque não podiam pagar. Além disso, não poderiam pagar os remédios.

Fui à casa do irmão de Virgilio Piñera. Queria conhecer um lar cubano, mas en-

frentei todo tipo de dificuldade. Dei-me conta de que as pessoas não querem receber um estrangeiro em sua casa, certamente por vergonha. Dão todo tipo de desculpa. Fui ver por quê. O senhor Piñera tem 81 anos. É economista aposentado. Ganha 8 dólares mensais. Sua filha é professora universitária há 15 anos. Ganha 15 dólares mensais. Seu filho é músico. Não sei quanto ganha. Vivem todos juntos, além da sogra de Piñera. Seu neto acaba de se casar, por isso agora mora com a família da esposa. A organização de uma casa cubana, nos últimos anos, é aterrorizante. Como não há imóveis disponíveis, as pessoas têm que continuar morando nas mesmas casas, apesar do aumento da população. Assim, quando uma pessoa se casa, traz a esposa para morar na casa da família. Quando as pessoas tinham algum dinheiro, tratavam de dividir o espaço original com tabiques, erguendo paredes onde não as havia. Hoje em dia usam panos pendurados para distribuir as áreas de uma mesma casa entre os novos núcleos familiares. O problema se intensifica à medida que os filhos vão se casando e os netos nascem e crescem e os espaços se tornam cada vez menores. Não há possibilidade de intimidade, e as pessoas passam a viver em estado de promiscuidade e miséria, apesar de estar em família.

O senhor Piñera tem um carro que não anda mais. Não se desfaz dele porque tem esperança de que um dia seu neto tenha condição de comprar um e então poder guardá-lo na garagem. Só tem direito a ter garagem o cidadão que possui um carro. Se Piñera vender seu carro, o espaço que este ocupa será então ocupado por pelo menos duas famílias, que farão da garagem seu lar.

O senhor Piñera me disse que compreende o desespero que faz com que os cidadãos construam balsas e se lancem ao mar, coalhado de tubarões. Contou-me que um médico amigo seu, que morava em frente a sua casa, decidiu sair da ilha com a esposa e a sogra. Eram todos idosos. Sua esposa ficou louca ao ver a mãe ser devorada por um tubarão. Chegaram à Flórida, onde a senhora vive em um asilo de doentes mentais.



Pedi ao senhor Piñera que me explicasse o sistema de *libreta* que se usa para comprar víveres. Cada família tem direito a comprar de cada alimento a quantidade estabelecida pelo governo, suficiente para o período por ele determinado. Em tese, os mercados oficiais deveriam oferecer todos os itens ao preço determinado por lei. Com tal sistema seria possível viver com dignidade com até 15 dólares mensais. No entanto, é claro, não se encontra nesses mercados tudo quanto se necessita para viver. Sal, óleo, sabonete, café, farinha, leite, carne de vaca, porco, peixe (apesar de os cubanos não apreciarem peixe), frango, ovos, pasta de dente, enfim, uma infinidade de itens não existe à venda. Mas existe no mercado negro, no qual só se compra em dólar, e a preço de mercado internacional. Por isso há tanta gente se matando e se humilhando para trabalhar com os turistas: para sobreviver. Assim, os cubanos, quando conseguem um ovo, fritam-no não no óleo, e sim na água. A única fonte de proteína a que os cidadãos comuns têm acesso é o *chicharro*: uma pasta de soja triturada com sangue de boi. Eu provei, é asqueroso. O café as pessoas substituem pela palha de trigo. Não me ofereceram por ser igualmente asqueroso. Tudo isso quanto ao cidadão comum. Sabe-se, no entanto, que a situação muda de acordo com a proximidade do indivíduo com o poder. Um conhecido intelectual me contou que, depois de ter, por muitos anos, suas diferenças com o Partido, foi convidado para uma cerimônia de reabilitação. Como a *guagua* demorou, chegou tarde. O próprio Fidel Castro, ao saber do fato, deu-lhe uma *máquina* – palavra que os cubanos utilizam para carro – último tipo. O próprio intelectual ri da situação, e a justifica como todos: o cubano tem que sobreviver. A história me foi narrada por outra pessoa, que a justifica de outra maneira: o cubano é um dissimulado.

Perguntei à filha de Piñera o que se podia comprar com um salário de 15 dólares. Apontou para minha camiseta branca, de algodão, da mais simples: compraria duas dela com um mês de trabalho.

Conheci uma estudante que concluía

naqueles dias seu curso universitário. Apresentou-se diante de uma banca para defender sua tese de graduação, que tinha 300 páginas. Passou seis meses pesquisando na Biblioteca Nacional, das 8 da manhã às 6 da tarde. Não tinha dinheiro para comprar nem um lanche sequer. Passou os seis meses sem comer, bebendo água, nada mais, durante 10 horas por dia.

O PESO DE VIVER NA ILHA

Percebi que um cubano não fala olhando nos olhos do interlocutor, pelo menos no meu caso. Está sempre olhando em volta, como se temesse alguma coisa. E tem razão em agir assim. Conheci um livreiro que me conseguia obras raras. Nós nos víamos a cada dois dias, na praça central de Havana Velha, quando eu comprava os exemplares. Conversávamos muito, principalmente sobre política. Uma tarde, depois de mais de uma hora de conversa, percebi claramente que seu olhar acompanhava um movimento desenvolvido nas minhas costas, da esquerda para a direita, parando aí. Imediatamente estendeu sua mão e me disse que nos veríamos dali a dois dias. À minha direita havia um senhor que nos observava, sem disfarçar.

Pouquíssimas pessoas dizem realmente o que pensam. A voz corrente é que o cubano é um dissimulado. É seu jeito de sobreviver.

Um estudante de História me disse que o cubano não vai morrer de fome, mas de medo.

O ACESSO À INFORMAÇÃO

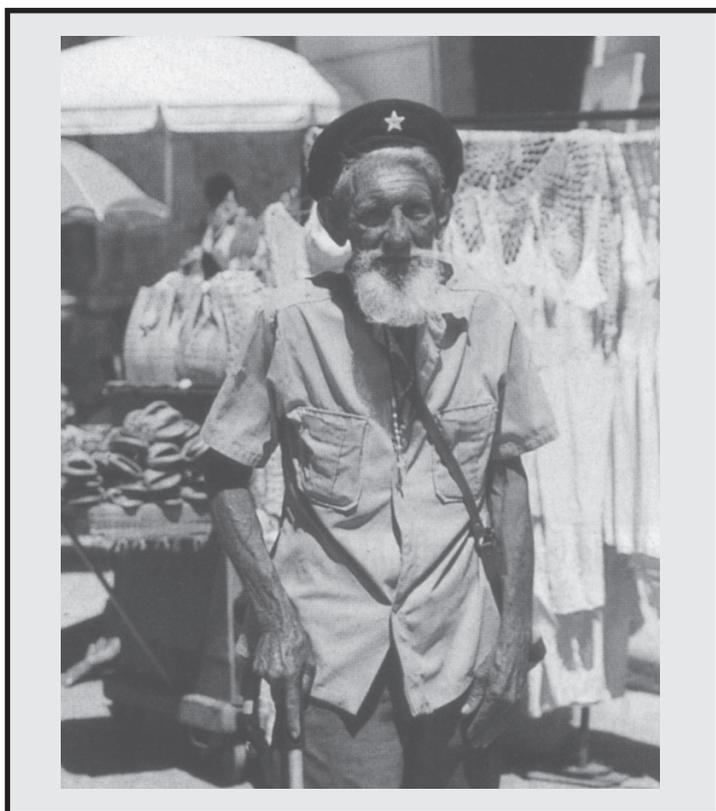
Viver em Cuba é, definitivamente, viver enquistado numa ilha. Os meios de comunicação são controlados pelo governo, de modo que as pessoas só têm acesso à informação que lhes é permitido conhecer. O jornal, *Granma*, é composto de algumas páginas que tratam de reproduzir opiniões de membros do Partido. As notícias que chegam do exterior se dividem, clara-

mente, em dois tipos: tudo quanto se refere a países capitalistas adquire cores nefastas: só se informam os crimes, a miséria, o negativo. Por outro lado, as notícias que vêm dos países socialistas e comunistas são, claro, positivas. Não há qualquer sutileza em tal seleção, como se as pessoas tivessem idade mental inferior a 10 anos. Na televisão, assiste-se a dois tipos de programas, fundamentalmente. Os produzidos em Cuba dão conta de um país onde tudo funciona, as crianças são todas gordinhas, bem vestidas, moram em lindas casas, são felizes. Só falta a voz de Cândido de Voltaire, dizendo que vivem no melhor dos mundos. Os outros programas são, na sua maioria – pasmem! – de origem norte-americana: videoclipes e filmes recém-lançados. Aí fica claro como o caráter neobarroco, fortemente instalado na literatura cubana contemporânea, manifesta-se no dia-a-dia não nas artes em geral, mas nos procedimentos correntes que tratam de dissimular, subverter, manter velado o que se sabe mas não se ousa dizer.

Não posso me esquecer das novelas

Na outra página, acima, o camelo; no centro, o Capitólio, em Havana; abaixo, o hotel Ambos Mundos, onde viveu o escritor Hemingway

Na capital de Cuba, idoso mantém símbolo da Revolução



Na outra página,
na área histórica
de Havana, loja
da Benetton e
tabacaria

brasileiras, verdadeira obsessão nacional em Cuba. São histórias desenvolvidas ao longo de capítulos apresentados durante meses, sem que cada um tenha alguma autonomia em relação aos outros. A idéia é que as pessoas assistam a todos e a cada um dos capítulos, numa história que freqüentemente tem os rumos alterados em função do público, sempre soberano. Claro, tal respeito pelo público responde a interesses financeiros, já que o custo do tempo destinado aos intervalos comerciais varia conforme a audiência do programa. Assim, não deixa de ser irônico o fato de que o programa mais assistido em Cuba – e cujos atores costumam ser recebidos formalmente pelo próprio Fidel – seja justamente aquele engendrado pela determinação direta do mercado capitalista. Além disso, a emissora de televisão que vende suas novelas para Cuba, a TV Globo, é a que esteve mais próxima dos regimes anti-revolucionários, ao longo do nosso período de ditadura. É também a emissora que praticamente fez com que Fernando Collor, o único presidente brasileiro a sofrer o *impeachment*, vencesse as eleições presidenciais (1).

Houve uma época em que as pessoas improvisavam antenas parabólicas com caçarolas, fios de arame, monitores de computador, para ter acesso às emisoras norte-americanas, principalmente a CNN. Hoje essa prática está proibida, e, com isso, o acesso à informação não manipulada pelo Partido. Os hotéis, no entanto, têm televisão a cabo norte-americana e européia.

O intenso controle que o governo exerce sobre a informação se verifica inclusive na falta de conhecimentos mínimos que as pessoas têm de seus direitos civis. É impressionante como os cidadãos não percebem que o pouco que sabem sobre seu direito de herança ou sua possibilidade de viajar ao exterior, por exemplo, não coincide com o que sabem seus companheiros. Estes são assuntos sobre os quais costumava perguntar, e pude verificar que mesmo os que trabalham com o turismo não têm a informação completa, apesar de cada um acreditar que domina a totalidade das informações.

OS MITOS IDEOLÓGICOS

O que mais se lê e se escuta, quando o assunto é Cuba, é o mal que os Estados Unidos lhe fazem. Isso implicaria, em meu modo de ver, a total repulsa a qualquer manifestação norte-americana, principalmente da indústria cultural. Estava enganada. O que mais se escuta em Havana é música norte-americana. Nunca escutei tanto Michael Jackson como nessa viagem. É sinal de poder econômico a ostentação de camisetas com bandeiras ou símbolos norte-americanos. Os jovens desfilam em patins *in line*, escutando o *walkman*, vestidos de americanos.

O MUSEU DA REVOLUÇÃO

O prédio onde ficava a sede do governo de Batista funciona hoje como o Museu da Revolução. Atrás dele fica uma urna de cristal que contém, como uma Branca de Neve, o Iate Granma, que levou Fidel e os primeiros revolucionários do México até Cuba. No museu se vêem cartazes didáticos com fotos que documentam a situação de miséria material e moral em que se encontrava o povo cubano antes do triunfo da Revolução. Ao lado de fotos de prostitutas com os olhos vendados, em respeito a sua identidade; de um menino miserável, descalço, olhando a vitrine de uma sapataria que cobra altos preços; de gente faminta, esquelética, morando em barracos, repete-se a frase: “Nunca mais!”. Triste e irônico é verificar que as fotos são o retrato atual da situação de miséria em que se encontra novamente o povo cubano. Com uma trágica diferença: hoje já não há esperança.

A ILHA EM PESO, MAIS DE CINQUENTA ANOS DEPOIS

Viajar a Cuba em 1996 significou fazer uma viagem no tempo, como disse. Mas o passado em que a ilha se encontra hoje se desdobra em outros passados, não

1 É preciso lembrar que este texto foi apresentado ao público americano, que não conhece nossas novelas.

só o de final da década de 50. À medida que via as ruas e as casas de Havana, que conhecia sua gente, à medida que caminhava pelo Malecón, não podia senão recitar, como se dissesse uma crônica recém-escrita sobre a cidade, estes versos que Virgílio Piñera escreveu em 1942, e que fazem parte do longo poema intitulado “A Ilha em Peso”:

“A ILHA EM PESO
Virgílio Piñera, 1942

A maldita circunstância de água por todo o
[lado
obriga-me a sentar-me na mesa do café.
Se não pensasse que a água me rodeia como
[um câncer
teria podido dormir a sono solto.
Enquanto os garotos se livravam de suas
[roupas para nadar
doze pessoas morriam num quarto por com
[pressão.

[...]

A horrorosa calçada circular,
o tenebroso jogo dos pés sobre a areia
[circular,
o *envenado* movimento do calcanhar que
[evita o leque do ouriço,
os sinistros manguezais, como um cinturão
[canceroso,
dão a volta na ilha,
os manguezais e a fétida areia
apertam os rins dos moradores da ilha.

Só se eleva um flamingo absolutamente.
Ninguém pode sair, ninguém pode sair!
A vida do funil e por cima a nata da raiva.
Ninguém pode sair:
o tubarão mais diminuto recusaria trans
[portar um corpo intato.
Ninguém pode sair:
uma uva aquática cai na testa da nativa
que se abana languidamente numa cadeira
[de balanço,
e ‘ninguém pode sair’ termina
[espantosamente no choque das cifras”.

